

O GALPÃO

Próximo à casa do estancieiro, não raro em anexo, o galpão constitui uma peça característica da estância, na zona da pecuária, no Rio Grande do Sul. Quando anexo, não passa de um apêndice da casa do proprietário, às vezes simples varanda ou alpendre. Na maioria das vezes, porém, e hoje quase como regra, é construído em separado, assinalando não só uma divisão de trabalho como uma nítida repartição de grupo social, marcando distância.

Antigamente, destinava-se também ao abrigo de animais e à guarda de material. Hoje, quase que tão somente se destina ao pessoal do trabalho com o gado. Está longe de ser um depósito, embora sirva ao abrigo do material da lide diária dos peões. Sua finalidade principal e característica, entretanto, é a de abrigar o pessoal.

Construção rústica, entaipada, quase sempre aberta para o norte, é a morada comum dos peões. Não só dormem eles no galpão, mas nele se reúnem em todas as horas de folga, e ali se alimentam. Deve ser espaçoso, de forma a permitir o repouso do pessoal, à guarda do arreamento e dos instrumentos de trabalho. Uma de suas peças essenciais é o fogão central, em torno do qual se ajuntam os homens da estância. Reunindo-se em redor do fogo, aproveitam as folgas para tomar o mate, para comer, para as longas conversas que constituem a diversão costumeira.

Aí, em torno do fogo, enquanto a cuia passa de mão em mão, os peões contam os casos do dia, os episódios do trabalho, os acontecimentos miúdos. Nessas reuniões, surgem as histórias do passado, transmitem-se as lendas e as credices, tudo o que, em suas jornadas, eles viram ou ouviram, os perigos, as novidades, as façanhas. No galpão aparecem os contos, conservam-se as tradições. Enquanto espicacem o fogo, avivando-o, e chupam, vagarosamente, o chimarrão, os peões ouvem e falam de sua vida e combinam as suas impressões.

JOSÉ HERNÁNDEZ, que escreveu o mais fecundo documento da vida do gaúcho, em sua Instrução do Estancieiro refere, a propósito do galpão: "Ali, ao redor do fogo, enquanto se prepara a ceia e circula o saboroso mate, eles se comunicam alegremente as novidades do dia, referem-se com mútua cordialidade todas as suas observações: o que viram no campo, os animais que encontraram, os episódios do trabalho, as ocorrências mais minuciosas, e tudo o que forma o movimento da vida diária. Ali estão as ocorrências originais, os equívocos engenhosos, os jogos de palavras cheios de sutileza e intenção. Ali aparecem as relações de sucessos passados, a história das campanhas feitas, suas andanças e seus perigos, as novidades que presenciaram ou ouviram, as façanhas de outros e as suas próprias, as empresas realizadas, os perigos corridos, os engenhosos meios rapidamente empregados para salvar-se daqueles, — e tudo isso em uma conversação animada, cheia de colorido, de comparações originais, de juízos e comentários cintilantes".

O quadro do autor de El gaucho Martin Fierro sofreu as alterações inevitáveis que a passagem do tempo impõe. No galpão vive, ainda hoje, entretanto, o peão das estâncias sulinas, o melhor de sua vida. Elemento essencial da paisagem da região, seu interesse geográfico está em que é a morada coletiva e típica, uma das dependências que caracterizam o meio, refletindo não só condições materiais, como relações humanas que representam alguns dos traços principais do tipo de atividade que se adaptou ao ambiente físico da região.

NELSON WERNECK SODRÉ

